

ANUGA NO BRASIL

Roberto Rodrigues *

No dia 7 de outubro passado foi aberta a Feira de Anuga, em Colônia, na Alemanha.

É de longe a maior feira de alimentos do mundo, atraindo expositores de todo tipo de produtos alimentares, desde hortifrutis até vinhos e outros industrializados.

O Brasil tem sido muito bem representado por inúmeras e diferentes empresas do agronegócio, com destaque para as proteínas animais. As processadoras de carnes bovina, de aves e suína, além dos laticínios, oferecem um variado cardápio de seus produtos, que são muito apreciados pelos visitantes e compradores de todos os continentes que vão a Colônia para fechar negócios interessantes.

A Fundação Getúlio Vargas, por intermédio da GVProjetos, braço de Consultoria e Projetos da Instituição, firmou acordo com a Koelnmesse, empresa realizadora da Feira de Anuga, para trazer uma versão da mesma para o Brasil. Como resultado dessa negociação, foi criada a Anufood que vai acontecer em março de 2019 em São Paulo. Há grande entusiasmo por parte de nossos potenciais expositores, e não apenas nas carnes: as indústrias de alimentos ligadas à poderosa ABIA se animaram com o projeto, assim como as processadoras de óleos vegetais, de farinhas, as instituições que representam a rica fruticultura brasileira (incluídas nossas apreciadas castanhas), as chocolateiras, vinícolas, as cooperativas com sua diversificada produção industrial e agrícola de exportação, o setor sucroenergético, e assim sucessivamente. Com efeito, a ideia por trás desse grande programa é mostrar a competência brasileira para ser o grande supridor de alimentos de qualidade para consumidores do mundo inteiro. A característica principal da feira, que já conta com o importante e imprescindível apoio da APEX, é o encontro de produtores com compradores. Com efeito, a presença de importadores de todos os cantos é o grande ponto de destaque para nós. E temos a expectativa de mostrar outros produtos que não sejam nossos tradicionais exportados, como carnes, café, sucos, açúcar e grãos. Vamos explorar as possibilidades de nossa piscicultura tropical de águas interiores, com destaque para peixes muito apreciados, como o tucunaré, o pirarucu, o tambaqui, o pacu, o pintado e o dourado. Claro que tudo isso demanda uma ampla organização dos sistemas produtivos, mas o potencial é imenso.

No entanto, há uma longa tarefa a cumprir internamente.

Em uma das discussões paralelas a Anuga, a GV realizou, em conjunto com a Câmara Brasil-Alemanha, avaliação das condições de acesso à nossa carne bovina na Alemanha e na Europa em geral. O tema em foco foi a diferença de preço da carne brasileira importada por eles em comparação ao preço da carne uruguaia, argentina, australiana e até norte americana: todos estes países recebem preços mais altos do que o Brasil. Com a presença do ministro Blairo Maggi, do presidente da ABIEC, Antônio Camardelli, e do Secretário de Relações Internacionais do MAPA, Odilson Luiz Ribeiro e Silva, ficou evidenciada a

necessidade de um amplo estudo sobre as causas desse diferencial de preços que nos impede de agregar valor às exportações. Fatores como as raças aqui produzidas, o bem-estar animal, integração da cadeia produtiva, defesa sanitária e a necessidade de melhor rastreabilidade do gado serão objeto de um trabalho conjunto entre MAPA, ABIEC e FGV, do qual são esperados resultados que orientem a atividade pecuária nacional na direção de melhor apreciação e valorização na Europa. Este trabalho se insere no Programa de Cooperação Brasil/Alemanha que já vem atuando em outros setores há alguns anos. É um trabalho promissor, porque incorpora a academia, o setor privado e o governo.

*** Coordena o Centro de Agronegócios da Fundação Getúlio Vargas, foi ministro da Agricultura e escreve artigos todas as terças-feiras do mês**